

Interpretações literárias sobre a relação paisagem e identidade na formação do gaúcho: uma análise da obra de João Simões Lopes Neto

Angélica Kohls Schwanz*

Resumo: Este trabalho discute as relações entre memória, paisagem e identidade, que se estabelecem considerando que os elementos que compõe a paisagem, além de outros, são evocativos da memória de determinado grupo ou pessoa, assim como são base para a construção das identidades. Para discutir essa relação tomo como objeto de pesquisa as transformações ocorridas na paisagem do Pampa gaúcho, a partir da intensificação do plantio de eucalipto para extração de celulose. Num primeiro momento apresento como esta associação foi construída historicamente. Depois utilizo um conto de João Simões Lopes Neto para identificar como esta associação é representada e confirmada por escritores gaúchos. Ao final ao constatar essa representação, e reconhecendo sua importância no processo de construção das identidades, concluo indagando sobre a possibilidade de uma tradução identitária.

Palavras chave: paisagem, identidade, literatura.

Literary interpretations on the relationship landscape and identity in the formation of the gaúcho: an analysis of the work of João Simões Lopes Neto

Abstract: This paper discusses the relationship between memory, landscape and identity, which is set considering that the elements forming the landscape, and others, are evocative of the memory of particular group or person, and are the basis for the construction of identities. To discuss this relationship I search the changing landscape of the Pampa gaúcho from the intensification of the planting of eucalyptus for the extraction of cellulose. Initially this association was present as historically constructed. Then I use a tale of João Simões Lopes Neto to identify how this association is represented and confirmed by gaúchos writers. The end to see this representation and recognizing its importance in the construction of identities, I conclude inquiring about the possibility of a translation identity.

Keywords: landscape, identity, literature.

Este trabalho tem por objetivo analisar as relações entre memória, paisagem e identidade, relações que se estabelecem ao considerar que os elementos que compõe a paisagem, além de outros, são evocativos da memória de determinado grupo ou pessoa. Maurice Halbwachs enfatiza que nossos pensamentos e nossos movimentos estão ligados à sucessão de imagens que nos rodeiam, ou seja, nos acostumamos a ver os lugares de acordo com o que apreendemos deles, ao longo do tempo. Cada sociedade recorta o espaço [...] de modo a constituir um quadro fixo onde encerra e localiza suas lembranças. (HALBWACHS,

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá
Bolsista da Fundação Araucária

1990: 160). Pode-se dizer então, que a memória se sustenta na paisagem, no lugar, nos objetos, a capacidade de evocação encontra nessas referências uma base para a sua permanência e é nesta base que se formam as identidades.

Para analisar estas relações tomo como objeto de estudo as transformações ocorridas na paisagem do Pampa gaúcho a partir do plantio de florestas para extração de celulose. Parto do pressuposto de que a imagem do gaúcho e a relação que este possui com o meio estão de tal forma enraizados em seu fazer, que uma mudança radical como a que é processada naquele espaço, provavelmente afetará seu modo de se situar no mundo.

Para discutir essa relação entre homem e paisagem utilizo como fontes a literatura, a fotografia e a oralidade. A produção literária possibilita compreender a formação da identidade gaúcha e sua relação com a paisagem pampiana.

Segundo autores como Ruben Oliven, Álvaro Heidrich e Dirce Suertegaray há uma tipicidade na definição do que seja a paisagem gaúcha e uma associação entre a mesma e o seu habitante, o gaúcho, como que a formar uma identidade entre ambos (OLIVEN, 1992; HEIDRICH: 2004; SUERTEGARAY, 2004). Essa identidade foi construída a partir da ocupação do território rio-grandense e seguiu aos dias atuais, através da propagação dos centros de tradições gaúchas dentro e fora do Brasil.

Ao concordar com esta associação, pretendo verificar até que ponto as transformações ocorridas de forma brusca na paisagem podem influenciar na constituição da identidade do gaúcho. Compreendo, também, que a paisagem é dinâmica e que sofre transformações lentas ao longo do tempo, porém uma transformação tão radical como a que está ocorrendo poderia afetar o modo do habitante sulino se situar no mundo. Parto do pressuposto de que o homem faz parte do ambiente, que a sua relação com o mundo é dada a partir do lugar onde vive e que este, define sua cultura, seus hábitos e tradições, consequentemente as transformações no ambiente agem sobre a percepção do sujeito a respeito do mundo que o rodeia, de suas memórias e de suas identidades.

Para situar o leitor é necessário que se explique como se deu esta construção identitária associada à paisagem do Pampa. O estado do Rio Grande do Sul é, desde tempos remotos, conhecido por uma imagem que associa o gaúcho à paisagem do Pampa, caracterizada predominantemente por grandes extensões de terra, vegetação rasteira e gado pastando. O Pampa, que se estende pelo Uruguai e Argentina, no estado gaúcho, é também chamado de campanha.

Segundo o Dicionário Aurélio o Pampa é uma “grande planície, coberta de vegetação rasteira, na região meridional da América do Sul”. O habitante do pampa é chamado de

pampiano, ou seja, “pertencente ou relativo ao pampa, à região dos pampas, o natural ou habitante dessa região”. O pampiano ou o chamado gaúcho é “o habitante do campo, descendente, na maioria, de indígenas, de portugueses e de espanhóis” (FERREIRA, 1975: 1023).

Essa caracterização da paisagem gaúcha ou pampiana tem sua historicidade registrada nos trabalhos de August de Saint-Hilaire, que assim descreveu a campanha do Rio Grande do Sul: “Até agora tenho atravessado sempre planícies uniformes sem o mais leve acidente e unicamente animadas pela presença do gado aí apascentando” (SAINT-HILAIRE, 1974: 91).

Para Ruben Oliven, o gaúcho é um tipo formado pela inserção do sujeito com o meio ambiente e pela sua experiência desde muito cedo com a guerra, segundo ele “o gaúcho é socialmente um produto do Pampa, como politicamente é um produto da guerra [...]” (OLIVEN, 1992: 11). Como se pode perceber há uma associação entre o Pampa e o gaúcho, como que a constituir uma identidade entre ambos.

O estado do Rio Grande do Sul teve sua ocupação tardia em relação ao restante do país. De acordo com Sandra Pesavento (1994), somente ao final do século XVI, com as expedições litorâneas de exploração e comércio do pau Brasil, que se tomou conhecimento do estado, através das descrições da costa litorânea. Porém, foi a partir do século XVII que o território começou a ser ocupado, primeiramente pelas Missões Jesuíticas Portuguesas, a partir de 1605, e, por volta de 1626, pelas Missões espanholas que entraram no Rio Grande do Sul, vindas do Paraguai. Estas se estabeleceram na zona de Ijuí, Piratini, Jacuí, Taquari, Ibicuí, Guaíba e Rio Pardo, formando grandes estâncias¹ de criação de gado.

Com as expedições dos Bandeirantes ao encalço dos índios que ali habitavam, os jesuítas espanhóis abandonaram as terras e foram para a outra margem do rio Uruguai onde fundaram os Sete Povos das Missões. Aos poucos a região das missões tornou-se importante produtora e exportadora de erva-mate, assim como de extração do couro do gado (PESAVENTO, 1994: 12). Em 1726 a Coroa Portuguesa concedeu a primeira sesmaria a Manoel Gonçalves Dias Ribeiro em Tramandaí, onde se estabeleceram as estâncias de criação de gado, que abasteciam as charqueadas.

Em meio a um ambiente pastoril, com grandes distâncias a serem percorridas, ganha destaque a figura do peão, por sua habilidade com os cavalos e facilidade para se locomover.

¹ Estâncias – s. Estabelecimento rural destinado à criação de gado, como são chamadas as fazendas de produção de gado, devido à influência da língua espanhola.

A construção deste tipo foi gradual e levou um longo período para se desenvolver. No princípio da ocupação do território rio-grandense o gaúcho tinha um caráter pejorativo:

No período colonial o habitante do Rio Grande do Sul era chamado de guasca e depois de gaudério, este último termo possuindo um sentido pejorativo e referindo-se aos aventureiros paulistas que tinham desertado das tropas regulares e adotado a vida rude dos coureadores e ladrões de gado. (OLIVEN, 1989: s/p)

Ao longo do século XVIII essa interpretação se transformou e na metade do século XIX, quando da formação das estâncias, o gaúcho passou a designar o peão e guerreiro. Com o passar do tempo, o modo de vida pastoril, típico do extremo sul, foi adaptado e estendido a todo habitante do Rio Grande do Sul. Não importa de que região do estado se esteja falando, o gaúcho é figura quase unânime para a representação do povo rio-grandense. Constata-se que o gaúcho nasceu identificado a uma dada paisagem e uma dada atividade, que embora tenha sofrido algumas transformações, acabou por ser considerada como o modo de ser dos habitantes do estado sulista. Práticas e representações consubstanciaram então, uma identidade do gaúcho como o habitante da região dos Pampas.

Ao longo do século XIX a região experimentou uma diversificação da produção agrícola, diante das atividades dos imigrantes europeus. Durante a Primeira Guerra Mundial caíram as exportações de carne o que resultou na falência de muitos criadores e na diminuição da produção de charque. Nesse momento houve uma grande expansão da lavoura arrozeira. Apesar dessas transformações, a paisagem do Pampa pouco se modificou até meados do século XX. A região da campanha continuou a ser entendida como um local de tradição na criação de gado, favorecida por uma dada paisagem de campo.

A partir de meados da década de 1960, o processo de modernização da agricultura, fez com que muitos dos pequenos produtores rurais, principalmente da região norte do estado, que não puderam se ajustar a essa nova situação, fossem expropriados, tornando-se sem terras. Com a política de reforma agrária implantada pelo governo estadual, na década de 1990, grandes áreas até então de pecuária, foram desapropriadas, municípios como Bagé, Hulha Negra e Santana do Livramento tiveram mais de 17.000 hectares destinados a reforma agrária (CHELOTTI, 2006: s/p), acarretando em uma significativa modificação na paisagem, até então de campos e pastagens, onde a agricultura familiar foi intensificada.

Já no ano 2000, o agravamento da crise na produção pecuária no Rio Grande do Sul, e a grande quantidade de latifúndios, assim como os incentivos fiscais oferecidos pelo governo do Estado, chamaram a atenção das empresas produtoras de celulose e papel. Isto fez

com que muitas fazendas de criação de gado fossem incorporadas por estas empresas e, também, com pequenos produtores arrendassem² parte de suas propriedades para o plantio de florestas de *pinus* e eucalipto.

Desta forma, em finais do século XX e início do século XXI, verificaram-se rápidas e profundas transformações na paisagem do sul do Estado, modificando uma parte do que se concebia como Pampa. Grandes extensões de terra que serviam à criação de gado passaram a ser utilizadas para o plantio de árvores para a extração da celulose, assim como para outras atividades agrícolas. Onde antes se via pastagens e campos naturais, agora se vêem florestas.

A partir deste cenário, para delinear a associação entre homem e paisagem, o presente trabalho se vale de uma documentação diversificada, entre elas a literatura, pois segundo Viviane Azevedo

A obra literária como documento da história ou a história de um dado contexto vivenciado pelo autor, leva à necessidade de um termo que rotule a escrita da obra. Essa preocupação nada mais faz do que expor a proximidade entre história e literatura, não importando o termo ou expressão utilizada na tentativa de classificação de tal narrativa. (AZEVEDO, 2006: s/p)

Argumenta essa pesquisadora que na literatura podem coexistir vários mundos imaginários, mas há apenas um mundo histórico, onde o historiador retira suas conclusões com o auxílio das evidências oferecidas pelas fontes, que passam a depender do uso que o escritor, literato ou historicista, faça delas; sua importância ou sua insignificância ficarão a cargo de seu uso e do que se constrói com elas.

Já Pesavento afirma que “literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão, ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam”. Para esta autora

A literatura é [...] uma fonte para o historiador [...], porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam. [...] A literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu. (PESAVENTO, 2006: s/p).

Destaca ainda essa historiadora que o pesquisador deve tomar a literatura não pelo seu valor como documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas pelo seu

² Esse arrendamento é chamado de “poupança florestal” - Parte dessas pequenas propriedades são utilizadas para o plantio das florestas, sendo que a empresa fornece as sementes e os insumos, na colheita o pequeno produtor recebe pela venda do eucalipto.

valor de problema, sendo necessário considerar as condições de produção do escrito, tais como meio sócio-político, o nível de envolvimento do literato em questões de seu tempo, estilo vigente, gênero da obra, instituições em que o escritor estava vinculado ao escrever, etc.

A partir destes pressupostos para o uso da Literatura como fonte, a seguir apresento a análise do conto “Trezentas Onças” de João Simões Lopes Neto e a sua relação com a presente pesquisa. Ao analisar este conto procuro identificar alguns aspectos presentes na literatura que evidenciam a relação entre a construção da identidade do gaúcho e o espaço vivido, atenta para o momento da produção do texto literário.

Trezentas Onças e a paisagem do Pampa

Simões Lopes Neto nasceu na cidade de Pelotas/RS, em nove de março de 1865, na propriedade de seu avô materno João Simões Lopes, a Estância da Graça. Durante sua carreira como escritor publicou, em vida, três livros “Cancioneiro Guasca” (1910), “Contos Gauchescos” (1912), e “Lendas do Sul” (1913), e dois postumamente, “Casos do Romualdo” (1952) e Terra Gaúcha, este último em dois volumes. Todos os seus livros foram voltados à temática regionalista e à história do Rio Grande do Sul. Foi também, autor de teatro, cronista, redator, editor, secretário de redação, folhetinista, diretor de jornal e presidente da União Gaúcha, o primeiro marco do tradicionalismo gaúcho no interior do Estado e que atualmente tem o nome de União Gaúcha João Simões Lopes Neto.

Simões Lopes se dedicou ao jornalismo até a sua morte, em Pelotas no dia 14 de junho de 1916, aos 51 anos de idade. Seus livros adquiriram maior importância após sua morte e foram traduzidos em várias línguas. É considerado por muitos pesquisadores como um dos maiores escritores do regionalismo gaúcho (BÓSI, 1986, ZILBERMAN, 1992, CHAVEZ, 2001).

Para situar o conto de Simões Lopes Neto faço uma pequena apresentação do quadro da produção literária brasileira no início do século XX - o Realismo - período em que o escritor desenvolveu sua obra. Alfredo Bósi, em “História concisa da literatura brasileira”, considera que sua obra se enquadra no Realismo, segundo ele “João Simões Lopes Neto é o patriarca das letras gaúchas” [...] “é o exemplo mais feliz de prosa regionalista no Brasil antes do Modernismo.” (BÓSI, 1986: 240) Outros discordam dizendo que sua obra ultrapassaria as classificações (DINIZ, 2003: 24).

Simões Lopes Neto pode ser considerado como precursor do modernismo, pois buscou em seus contos um retorno ao regional e à temática do gaúcho. Porém, uma

característica que o diferencia de outros escritores de sua época é, como se nota na obra “Contos Gauchescos”, a narrativa em primeira pessoa. É a partir de um de seus contos, “Trezentas Onças”³, que o personagem *Blau Nunes*, até então somente narrado em terceira pessoa, aparece como narrador, em primeira pessoa, ou como personagem-narrador.

A escolha deste conto por mim se explica, além das características citadas anteriormente, pelas referências do autor à paisagem gaúcha. Simões Lopes Neto incorpora em seus textos, de forma sutil, a descrição da paisagem do Pampa, que não é apresentada como o ponto central e sim o tipo gaúcho, representado neste conto por *Blau Nunes*.

Ao observar que a identidade do gaúcho foi constituída associada à paisagem da região do Pampa e, embora a paisagem não seja um ponto central da narrativa de Simões Lopes Neto, o que fica evidente é a integração da mesma com o personagem principal. Sua descrição ajuda a compor o personagem, mas não se sobressai a ele. Essa característica mostra a relação existente entre homem e meio, que pode se observar na passagem seguinte

A estrada estendia-se deserta; à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam se arrolhando nos parados da noite, à direita, o sol muito baixo, vermelho dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas. Nos atoleiros, secos, nem um quero-quero: uma que outra perdiz, sorrateira, piava de manso por entre os pastos maduros; e longe, entre o resto da luz que fugia de um lado e a noite que vinha peneirada, do outro alvejava a brancura de um João-Grande, voando, sereno, quase sem mover as asas, como numa despedida triste[...].(LOPES NETO, 2004: 17)

A descrição da paisagem do Pampa gaúcho é repetida muitas vezes em obras de outros escritores rio-grandenses, anteriores ou posteriores a obra analisada como, por exemplo, em “O tempo e o vento”⁴ de Érico Veríssimo. Nessa obra a paisagem é descrita como “coxilhões a perder de vista” (VERÍSSIMO, 1977: 74). Uma representação semelhante da paisagem se encontra em “O Vaqueano” de Apolinário Porto Alegre

A campanha imensa, ondeando em cochilhas, salpicado de capões, como oásis do deserto, o cerro empinado entestando as franças com os céus davam alguma trégua à mágoa que o flagelava. A solidão da natureza consorciava-se à solidão de sua alma, compreendiam-se, talvez. Uma trazia a expressão indefinida da criação depois de muitos cataclismos, a outra o selo de uma agonia sem termo. (PORTO ALEGRE: 86)

³ O conto “Trezentas Onças” faz parte do livro “Contos Gauchescos” e trata de uma narrativa em primeira pessoa, vivida por um tropeiro gaúcho chamado *Blau Nunes*, que vive na região da campanha sul rio-grandense.

⁴ Trilogia formada por “O Continente, O retrato e O arquipélago”, publicadas entre 1949 e 1962.

E é essa relação entre ser gaúcho e estar incorporado a uma determinada paisagem que ganha força na narrativa de Simões Lopes Neto. Sobretudo quando *Blau Nunes* apresenta as razões para deixar de lado os pensamentos de morte e enfrentar o patrão:

Ah! Patrício! Deus existe!...
No refilão daquele tormento, olhei para diante e vi... as três-Marias luzindo na água... o cusco encarapitado na pedra, ao meu lado, estava me lambendo a mão... e logo, logo, o zaino relinchou lá em cima, na barranca do riacho, ao mesmíssimo tempo que a cantoria alegre de um grilo retinia ali perto, num oco de pau!...
Patrício! Não me avexo duma heresia; mas era Deus que estava no luzimento daquelas estrelas, era ele que mandava aqueles bichos brutos arredarem de mim a má tenção... O cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade da minha gente; o meu cavalo lembrou-me a liberdade, o trabalho, e aquele grilo cantador trouxe a esperança...Eh-pucha! Patrício, eu sou mui rude... a gente vê caras, não vê corações...; pois o meu, dentro do peito, naquela hora, estava como um espinilho ao sol, num descampado, no pino do meio-dia: era luz de Deus por todos os lados![...]
(LOPES NETO, 2004: 19-20)

Este trecho do conto evidencia a força que a paisagem exerce sobre o personagem-narrador *Blau Nunes*. Reforço, a relação existente entre a narrativa de Simões Lopes Neto e minha pesquisa ao concordar com Milton Santos que a paisagem não existe por si só (SANTOS, 1996), mas que é resultante das relações que envolvem o homem e o ambiente e são “pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço” (SANTOS, 1996). Destaco a idéia de que a paisagem representada por *Blau* é evocadora de lembranças e portadora de sentidos muito caros ao gaúcho.

Ao concordar com a afirmativa de que História e Literatura se apresentam como representações do mundo social, que se valem de métodos e técnicas diferentes, concluo que a forma como o autor trata do gaúcho e da paisagem do Pampa é uma representação. De acordo com Sandra Pesavento

A categoria de representação tornou-se central para as análises da nova história cultural, que busca resgatar o modo como, através do tempo, em momentos e lugares diferentes, os homens foram capazes de perceber a si próprios e ao mundo, construindo um sistema de idéias e imagens de representação coletiva e se atribuindo uma identidade (PESAVENTO, 1998: p.19).

A representação do gaúcho no texto escolhido é a de um homem que não desiste da luta, apesar de todos os problemas que enfrenta, aparece como um sujeito dotado de virtudes superiores, como a coragem e a honestidade. Essa característica é reforçada no trecho que *Blau* narra as alternativas que tinha para compensar o patrão pela perda do dinheiro:

Agora... Era vender o campito, a ponta de gado manso tirando umas leiteiras para as crianças e a junta dos jaguanés lavradores – vender a tropilha de colorados ... E pronto! Isso havia de chegar, folgado; e caso mermasse a conta... Enfim, havia de se ver o jeito a dar... Porém matar-se um homem, assim no mais... E chefe de família... Isso não! (LOPES NETO, 2004: 20)

O autor incorpora em sua descrição valores historicamente atribuídos à figura do gaúcho. Uma representação que começou a se formar já na colonização do Rio Grande do Sul, e que a literatura contribui em grande medida para a continuação da mesma

[...] como construção social imaginária, a representação identitária pode ser dada ou atribuída. Mas também implica opção e escolhas que não decorrem de manipulação, mas de um endosso voluntário na busca de padrões de referência com alta carga de positividade. (PESAVENTO, 1998: 20)

Ao considerar que o conto “Trezentas onças” apresenta esta relação entre homem e meio, atento para o fato de que esta relação foi feita no momento da escrita do conto. Considero que o autor ao representar de forma tão apropriada uma relação muito íntima entre homem e meio, corrobora com minha conjectura de que as modificações na paisagem implicam em possíveis modificações na forma deste homem se situar no mundo, de localizar suas memórias.

Pretendo então, acompanhar as transformações ocorridas neste espaço e verificar uma possível tradução identitária, pois segundo Stuart Hall, todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico e à medida que o espaço se modifica, as representações que os indivíduos produzem sobre o mundo e sobre si mesmos também se modificam. Essas pessoas, argumenta esse autor, carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas e “são, irrevogavelmente, produto de várias histórias e culturas interconectadas” e tornam-se pessoas “irrevogavelmente traduzidas” (HALL, 2005: 89). Lanço assim uma questão: a modificação acelerada neste espaço poderia produzir sujeitos traduzidos?

Este trabalho tem continuidade com a análise de outras obras de Simões Lopes Neto, assim como, de outros escritores gaúchos, que como ele associam a paisagem do pampa à constituição do gaúcho.

REFERÊNCIAS

- ALEGRE, Apolinário Porto. **O Vaqueano**. Disponível em: www.virtualbooks.com.br (Acesso 20/09/2007).
- AZEVEDO, Vivianne Milward de. **Literatura e história: uma questão narrativa**. Texto apresentado no curso de Pós-Graduação em História Social da Cultura - ICHS/ UFOP,. Disponível em: www.portfolium.com.br/artigo-viviane1.html (Acesso em 02/08/2007).
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1986.
- CHAVES, Flávio Loureiro. **Simões Lopes Neto**. 2 ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, Editora da Universidade, 2001.
- CHELOTTI, Marcelo Cervo e PESSOA, Vera Lúcia Salazar. **(Re)visitando a Geografia Agrária de Raymond Pébayle: interpretações sobre o espaço agrário gaúcho**. Disponível em www.campoterritorio.ig.ufu.br/include/getdoc.php?id=225&article=122&mode=pdf. (Acesso em 28.09.2007).
- DINIZ, Carlos F. S. , **João Simões Lopes Neto: Uma biografia**. Editora AGE Ltda, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HEIDRICH, Álvaro Luiz. **Aspectos culturais da construção da regionalidade gaúcha**. In: Rio Grande do Sul – Paisagens e Territórios em Transformação. Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2004, p. 215– 232..
- LOPES NETO, Simões. **Trezentas Onças**. In: Contos Gauchescos. Porto Alegre: Editora Meridional, 2004.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 7ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional**. In: LEENHARDT, Jacques & PESAVENTO, Sandra Jatahy. Discurso histórico e narrativa literária. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & literatura: uma velha-nova história**. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2006, [En línea], Puesto en línea el 28 janvier 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>. (Acesso em 07/05/2008).
- OLIVEN, Ruben G. **A parte e o todo: A diversidade cultural no Brasil nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- _____. **O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controvertida**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 3, n°9, 1989.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viajem ao Rio Grande do Sul**. Tradução: Leoman de Azeredo Penna, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo; Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Paisagens (Imagens e representações) do Rio Grande do Sul**. In: VERDUM, Roberto, BASSO, Luis Alberto & SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Rio Grande do Sul: Paisagens em transformação. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- VERISSIMO, Érico. **O tempo e o vento: O continente I**. 14 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1977.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 3 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.